

Franz Brentano e as crises filosóficas nas quatro fases da sua história

Franz Brentano and the philosophical crises in the four phases of its history

Evandro Oliveira de Brito

<http://orcid.org/0000-0003-4121-1106> - E-mail: evandro@unicentro.br

RESUMO

Este trabalho analisa a polêmica “teoria das quatro fases da filosofia”, tal como foi publicada por Franz Brentano em 1895, com o propósito de apresentar o papel das crises filosóficas no interior do movimento histórico-filosófico ocidental. Descrevemos, primeiramente, o modo como Brentano assume a clássica divisão da história em três períodos (antigo, medieval e moderno), para subdividir cada um desses períodos em quatro movimentos filosóficos distintos (movimento filosófico de interesse puro, movimento filosófico de interesse prático, movimento filosófico cético e movimento filosófico místico). Nossa análise explicitará que, segundo a tese principal ali defendida por Brentano, (a) os movimentos filosóficos se sucedem no interior de cada período histórico em função de uma crise intrínseca ao próprio processo histórico da filosofia e (b) o que define a crise filosófica é o modo como cada um dos movimentos filosóficos, constituintes da segunda, terceira e quarta fases, diferem do movimento filosófico constituinte da primeira fase. Como conclusão da nossa análise, defenderemos que os pressupostos históricos filosóficos brentanianos da sua “4ª tese de Habilitação” são os critérios fundamentais da filosofia ascendente encontrados nos métodos de Aristóteles, Tomas de Aquino, Bacon e Descartes. Em outras palavras, sustentaremos que se tratava, para Brentano, de reconhecer em tais métodos filosóficos o seu poder de sustentar aquele tipo de percepção capaz de garantir evidência ao conhecimento, pois esse seria o modo de evitar que a filosofia (i) substituísse seu interesse teórico pelo interesse prático, (ii) se entregasse ao ceticismo, ou ainda, (iii) sucumbisse ao misticismo.

Palavras-chave: Franz Brentano. História da filosofia. Crise.

ABSTRACT

This paper analyzes the controversial “theory of the four phases of philosophy,” as published by Franz Brentano in 1895, in order to present the role of philosophical crises within the Western historical-philosophical movement. We first describe how Brentano takes the classical division of history into three periods (ancient, medieval, and modern) in order to subdivide each of these periods into four distinct philosophical movements (pure interest philosophical movement, practical interest philosophical movement, skeptical philosophical movement, and mystical philosophical movement). Our analysis will make explicit that, according to the main thesis defended there by Brentano, (a) philosophical movements succeed each other within each historical period as a function of a crisis intrinsic to the historical process of philosophy itself and (b) what defines the philosophical crisis is the way in which each of the philosophical movements, constituent of the second, third, and fourth phases, differ from the philosophical movement constituent of the first phase. As a conclusion to our analysis, we will argue that the Brentanian philosophical historical presuppositions of his “4th habilitation thesis” are the fundamental criteria of ascending philosophy found in the methods of Aristotle, Thomas Aquinas, Bacon, and Descartes. In other words, we maintain that it was a matter, for Brentano, of recognizing in such philosophical methods their power to sustain that kind of perception capable of guaranteeing evidence to knowledge, for this would be the way to prevent philosophy from (i) replacing its theoretical interest with practical interest, (ii) giving itself over to skepticism, or even, (iii) succumbing to mysticism.

Keywords: Franz Brentano. History of philosophy. Crisis.

1 Introdução

Em uma palestra ministrada em 28 de novembro de 1894 na *Sociedade Literária de Viena*, e publicada em 18 de janeiro de 1895 com o título “*As quatro fases da filosofia e seu estado atual*”, Franz Brentano (1838-1917) apresentou uma interessante teoria acerca da história da filosofia, a qual não apenas assumia a clássica divisão da história em três períodos (antigo, medieval e moderno), mas subdividia cada um desses períodos em quatro movimentos filosóficos distintos (movimento filosófico de interesse puro, movimento filosófico de interesse prático, movimento filosófico cético e movimento filosófico místico), os quais se apresentavam em fases subsequentes e recorrentes. Nosso propósito aqui é analisar o referido texto brentaniano e explicitar que, segundo a tese principal ali defendida por Brentano:

- a) os movimentos filosóficos se sucedem no interior de cada período histórico em função de uma crise intrínseca ao próprio processo histórico da filosofia;
- b) o que define a crise filosófica é o modo como cada um dos movimentos filosóficos, constituintes da segunda, terceira e quarta fases, diferem do movimento filosófico constituinte da primeira fase.

A exposição que faremos dos argumentos brentanianos para elucidação dos pontos (a) e (b), acima definidos, exporá a tese que sustentaremos, a saber:

- i) o expor o modo como Brentano definiu positivamente aqueles que seriam os critérios do legítimo movimento filosófico da primeira fase da filosofia, sustentaremos que sub-

sequentemente ele estabeleceu um critério meramente negativo para a justaposição dos demais movimentos filosóficos, organizando-os como segunda, terceira e quarta fases da filosofia.

Assim, o corpo da nossa argumentação, inferida a partir da exposição que faremos dos argumentos brentanianos, bem como a conclusão que resultará de tal exposição, pode ser delineada do seguinte modo:

- a. Ao assumir que a primeira fase estava caracterizada como o movimento filosófico por excelência, em função do seu tipo de aspiração filosófica e da sua orientação metodológica, Brentano definiu cada uma das outras três fases em função do modo como elas careciam dessas características fundamentais da filosofia constituintes da primeira fase.
- b. Como conclusão, defenderemos que se tratava, efetivamente, de uma sustentação dos pressupostos histórico-filosóficos vigente na sua própria concepção de filosofia, tal como fora anunciada na defesa da sua *4ª Tese de Habilitação - O verdadeiro método da filosofia não é outro senão aquele das ciências naturais* (BRENTANO, 2017, p. 161) - e desenvolvida na sua teorização da *psicologia descritiva*, desde a publicação da sua obra magna *Psicologia desde um ponto de vista empírico* (1874).

No horizonte desta interpretação está a dissolução de uma aparente contradição. Sob os pressupostos de sua *psicologia descritiva*, tal como anunciada desde a defesa da sua *4ª Tese de Habilitação*, Brentano assumiu que “a história da filosofia é uma história de esforço científico e, portanto, em certos aspectos, tem semelhanças com a história de outras ciências. Em outros aspectos, porém, é diferente e mais análoga à história das artes plásticas.” (BRENTANO, 2019, p. 204). Esse duplo aspecto característico da história da filosofia a distanciava, por um lado, do modo de realização progressivo das outras ciências, pois o desenvolvimento dessas seria progressivo e comportaria apenas interrupções temporárias. Por outro lado, no entanto, tal como a história das artes plásticas, o segundo aspecto da história mostrava que a filosofia possuía duas etapas inversas em seu desenvolvimento.

Segundo Mezei e Smith (1998, p.10), Brentano inspirava-se em uma interpretação vigente entre seus contemporâneos e adotara, sobretudo, as teses do artista alemão e fundador da disciplina de história da arte, Johann Joachim Winckelmann (1717-1768). Winckelmann desenvolveu uma compreensão científica da história das artes na qual a etapa clássica foi apresentada como sendo a primeira fase, pois explicitava a qualidade e o estilo inalcançáveis para as fases subsequentes. Nessa concepção, portanto, a história das artes plásticas seria um processo em perpétuo declínio.

Sob a influência da tese de Winckelmann, portanto, Brentano assumiu que além da etapa de desenvolvimento ascendentes, a história da filosofia também possui etapas de decadências, as quais muitas vezes são até mais ricas em fenômenos que marcam época, do que as etapas saudáveis e produtivas. Ainda segundo ele, não se tratava de um processo aleatório, mas de uma regularidade. Assim, tal como as diferentes etapas no desenvolvimento e decadência das artes plásticas têm suas características comuns e análogas, também prossegue de forma essencialmente análoga a história dos três grandes períodos que a pesquisa filosófica ocidental distingue (BRENTANO, 2019, p. 204-205).

2 Ascensão e decadência: traços das crises na filosofia

Brentano assumiu a tese da divisão da história da filosofia em três períodos, são eles: período da filosofia antiga; período da filosofia medieval; período da filosofia moderna. Além disso, quatro etapas ou fases podem ser distinguidos em cada um dos períodos históricos. “Estas etapas ou fases são em muitos aspectos diferentes umas das outras, mas ao mesmo tempo estão relacionadas internamente na medida em que sua semelhança, uma vez reconhecida, é inconfundível” (BRENTANO, 2019, p. 205). Vejamos.

a. Traços gerais da etapa de ascensão filosófica

1ª Fase: Brentano definiu como período de desenvolvimento ascendente a primeira fase existente em cada um dos três períodos históricos da filosofia (antigo, medieval e moderno). Havia duas características principais que marcavam o início dessa fase em cada um dos referidos períodos.

- i. A primeira característica estava no que Brentano chamou de interesse teórico vivo e puro. Tratava-se, efetivamente, do modo como ele concebeu o “*pathos*” grego que marcou a própria origem da filosofia. Por isso, disse ele, “como já observaram Platão e Aristóteles com razão, foi por espanto que a humanidade foi motivada para investigações filosóficas” (BRENTANO, 2019, p. 205).
- ii. A segunda característica estava no método por meio do qual se filosofa. O fundamental era que o método fosse apropriado à natureza do seu objeto (mesmo que em suas formas iniciais ainda fosse bastante primitivo). Segundo ele, “foi com a ajuda deste método que a ciência se desenvolveu, em parte através do aperfeiçoamento de hipóteses, em parte através de uma ampliação do escopo da investigação e em parte através do enfrentamento de novas questões” (BRENTANO, 2019, p. 205).

b. Traços gerais das etapas das crises filosóficas

2ª Fase: Brentano definiu o início do período de desenvolvimento descendente, ou de declínio, como a segunda fase existente em cada um dos três períodos históricos. Tratava-se de uma crise iniciada em cada um dos casos pelo enfraquecimento ou distorção do interesse científico, a qual instaurava o primeiro momento de declínio do desenvolvimento filosófico.

- i. A característica fundamental desse momento estava no fato de que não mais o interesse teórico vivo e puro guiava a investigação, mas seriam agora os motivos práticos que se tornavam os determinantes principais.
- ii. Ainda que o interesse teórico continuasse efetivo, ele agora seria perseguido de forma menos rigorosa e menos consciente.
- iii. Nesta fase, a profundidade filosófica teria sido substituída pelo aumento da sua difusão e amplitude. Para Brentano, o fato de círculos mais amplos terem se interessado pelas doutrinas popularizadas e terem constituído certas seitas filosóficas indicava que isso não poderia ser um verdadeiro substituto para a atividade científica genuína.

3ª Fase: Brentano definiu o segundo estágio de declínio como a terceira fase de cada período. Em função das circunstâncias deterioradas pelo agravamento da crise, surgia uma espécie de “revolução espiritual” que instaurava e fazia predominar o ceticismo.

- i. Como resultado do agravamento da crise, a ciência tornava-se cada vez menos científica e isso fazia com que ela fosse cada vez menos digna de confiança.
- ii. Em consequência do aprofundamento da crise, passava-se a negar amplamente que a razão tivesse a capacidade de garantir o conhecimento seguro ou, ao menos, “era sustentado que tal capacidade ficaria restrita aos restos mais miseráveis” (BRENTANO, 2019, p. 205).

4ª Fase: Brentano definiu o terceiro estágio do declínio como a quarta fase de cada período. O agravamento da crise nessa fase decorria da incapacidade do ceticismo em satisfazer os anseios da humanidade para com o conhecimento. Relembrando a famosa frase inicial da *Metafísica* de Aristóteles (“todos os homens por natureza desejam conhecer”), Brentano enfatizou que o anseio natural propriamente humano pela verdade seria despertado sempre que desafiado pelo ceticismo. No entanto, as tensões intrínsecas a esta fase da crise faziam com que um entusiasmo patologicamente intensificado nas pessoas as levasse a construir dogmas filosóficos.

- i. Além dos métodos naturais empregados na primeira fase, no entanto, os filósofos teriam inventado métodos totalmente antinaturais para adquirir conhecimento com base em “princípios” que careceriam de toda a percepção. Segundo Brentano, o principal problema, nas tentativas de superação da crise no interior dessa fase, teria sido que suas soluções não passavam de poderes engenhosos “diretamente intuitivos” ou intensificações místicas da vida mental. Isso levava ao erro de se supor a posse das verdades mais elevadas, inclusive daquelas que estão além de todos os poderes humanos (BRENTANO, 2019, p. 206).
- ii. O período de declínio atingia assim seu ponto extremo.

A exposição da estrutura das quatro fases que acabamos de realizar seguiu o próprio modo brentaniano de apresentá-la. Seu propósito consistia em tornar evidente o contraste com as condições que levaram ao primeiro florescimento da pesquisa filosófica. Por isso, concluiu Brentano acerca do ponto extremo da decadência atingido pelos filósofos nessa última fase, “se diz saber tudo, mas na verdade não se sabe nada. Pois não se sabe mais nem mesmo a única verdade que se sabia com angústia e sofrimento no início do primeiro período: isto é, que não se sabe nada” (BRENTANO, 2019, p. 206).

Ao menos um ponto discutível, o qual não será discutido aqui, merece ser mencionado. Brentano considerava que a superação da crise que chegava ao seu extremo na terceira fase da decadência e, portanto, como quarta fase de cada um dos períodos históricos da filosofia, ocorreria por meio de um retorno direto ao modo filosófico caracterizado nas primeiras fases. Como isso se justifica?

Mezei e Smith (1998, p. 11-12) argumentam que a chegada de uma nova fase de renovação radical está caracterizada como um retorno à forma original de atividade filosófica, onde o espanto e a pureza da investigação vigoram, e justamente por isso o ciclo se repete. Por isso, a totalidade do processo não é um processo de declínio, mas sim o de um ciclo periódico. Há efetivamente períodos de desenvolvimento interrompidos por períodos de declínio. Ainda segundo eles, Brentano buscava um equilíbrio entre a visão da história da filosofia como um processo em declínio - do tipo defendido pelos filósofos românticos - e uma visão da história da filosofia como um desenvolvimento perpétuo do tipo favorecido pelos pensadores do Iluminismo. No entanto, é preciso ressaltar que Brentano não pretendia apresentar uma descrição abrangente e completa da história da filosofia. Sua intenção era, ao contrário, oferecer

um tipo de abordagem da história da filosofia de forma convincente que fosse útil na avaliação de certos aspectos filosóficos e reivindicações históricas. Em outras palavras, Brentano propunha, acima de tudo, uma estrutura para a compreensão adequada do processo pelo qual se reúne o conhecimento filosófico na primeira fase, a fase de abertura às evidências científicas na qual ele mesmo se coloca como expoente vivo. Vejamos como ela se aplica na seleção de exemplos que ele mesmo apresentou, “para ver se sua história corresponde de fato ao nosso esquema” (BRENTANO, 2019, p. 206).

3 As quatro fases e seus exemplos na história da filosofia

Uma excelente esquematização da estrutura do processo histórico filosófico, a qual distingue os períodos históricos de ascensão e suas respectivas fases de crise e decadência, foi apresentada do seguinte modo por Twardowski (1999, p. 249), um dos discípulos mais próximos de Brentano.

Filosofia Antiga	<ul style="list-style-type: none"> a) Ascensão b) Crise/Declínio 	<ul style="list-style-type: none"> Fase 1: De Tales à Aristóteles Fase 2: Estoicos e Epicuristas Fase 3: Nova Academia, Pirronismo e Ecleticismo Fase 4: Neopitagóricos e Neoplatônicos
Filosofia Medieval	<ul style="list-style-type: none"> a) Ascensão b) Crise/Declínio 	<ul style="list-style-type: none"> Fase 1: Filosofia patrística e escolástica até São Tomas Fase 2: Escotistas Fase 3: O reinado do nominalismo (William de Ockham) Fase 4: Misticismo, Lullus e Nicolau de Cusa
Filosofia Moderna	<ul style="list-style-type: none"> a) Ascensão b) Crise/Declínio 	<ul style="list-style-type: none"> Fase 1: Francis Bacon, Descartes, Locke e Leibniz Fase 2: Racionalismo francês e alemão Fase 3: David Hume Fase 4: Escola escocesa, Kant, Fichte, Schelling e Hegel

A utilização do modelo estrutural esquematizado acima, na modelagem da história da filosofia, permitiu a Brentano estabelecer uma distinção entre aqueles que deveriam ser considerados os filósofos dos movimentos filosoficamente mais relevantes e aqueles que deveriam ser considerados os menos relevantes. Assim, não apenas os trabalhos mais relevantes exemplificariam a excelência das atividades filosóficas por excelência, presentes na primeira fase de cada período histórico, mas também os trabalhos menos relevantes exemplificariam o modo como as crises instauravam a decadência filosófica na história.

Esporemos a seguir uma sumarização dos exemplos brentanianos que constituem esse duplo movimento.

3.1 Filosofia antiga

1ª Fase: Brentano assumiu a tese clássica da origem da filosofia como “milagre” ao afirmar que “a filosofia grega começou com a filosofia jônica da natureza”. Nesse sentido, a clássica *pedra de toque* da tradição filosófica foi também para ele o “espanto” para com os enigmas do mundo, o qual acendeu o instinto mais ativo para o conhecimento (2019, p. 206). Tal como destacou Twardowski (1999, p. 249), ainda que a fase de ascensão da filosofia antiga tenha tido início com Tales e fim com Aristóteles, o exemplo de filósofo tomado para destacar as especificidades desta fase foi Anaxágoras.

Segundo Brentano, o exemplo de vida de Anaxágoras o colocou como um dos maiores filósofos da Jônia, pois “ele negligenciou a administração de seus bens e, como seus parentes o repreenderam por isso, renunciou com um coração leve a toda sua fortuna para dedicar-se livremente à pesquisa” (2019, p. 206). Assim, o critério fundamental da filosofia, o qual consistiria no interesse puro e vivo pelo conhecimento, estaria explícito no fato de um aristocrata como Anaxágoras não ter feito uso de sua posição política privilegiada e ter recusado veementemente a assumir a administração da cidade de seu pai. Por isso, para Brentano, a máxima de Anaxágoras exemplificava perfeitamente o interesse puro e vivo da filosofia, pois “o céu, dizia ele, é minha pátria e a contemplação das estrelas é meu destino” (BRENTANO, 2019, p. 206).

Além do interesse teórico vivo e puro, tal como destacado, Brentano ressaltou o fato de que os gregos mais antigos também possuíam um método natural.¹ Neste sentido, a ascendência da filosofia grega decorria do fato de trabalhar tanto com o interesse puro, como com o método adequado. Teria sido tal método que teria permitido: (1) que as hipóteses fossem aprofundadas; (2) que as questões fossem multiplicadas e entrelaçadas; e finalmente (3) que fossem construídos sistemas doutrinários de longo alcance. Em função da convergência de tais critérios, “após trezentos anos, um trabalho tão importante cientificamente quanto a filosofia de Aristóteles já havia se tornado possível” (BRENTANO, 2019, p. 207).

Caracterizada desse modo, a fase de ascendência encontrava em Aristóteles o seu ponto de máxima e, por isso mesmo, ele teria sido o último grande fenômeno do estágio ascendente da filosofia antiga. Imediatamente após Aristóteles, instaurou-se a primeira crise. Assim, aquilo que foi reconhecido por Brentano como início da segunda fase caracterizou-se também como o primeiro estágio de decadência. Para Brentano, o motor da crise não foi outro senão o fato do interesse teórico ter dado lugar ao interesse prático.

2ª Fase: A especificidade da crise que instaurou a segunda fase estava na mudança do interesse teórico para o prático. Ainda que este ponto não tenha sido desenvolvido em profundidade por Brentano, ele não deixou de destacar três características da crise sociocultural que influenciaram diretamente a mudança do interesse filosófico: (1) toda a vida grega estava em um estado de desintegração; (2) a fé na religião popular havia desaparecido; (3) a autoridade das antigas instituições tradicionais do Estado também fora quebrada. Assim, e em função da confluência dessas três características da crise sociocultural grega, “a filosofia teria sido invocada como auxiliar de emergência, não apenas por necessidade teórica, mas, sobretudo, em sentido prático” (BRENTANO, 2019, p. 207).

Brentano encontrou no caráter prático e unilateral das escolas de Zenão de Cício e Epicuro os principais exemplos do primeiro estágio de declínio na antiguidade. Em outras palavras, dado que o Estoicismo e o Epicurismo foram ambos sistemas que distinguiram suas doutrinas em três partes (ética, lógica e física), mas atribuíram à lógica e à física a função de auxiliar da ética, Brentano considerou que a própria ética degenerou em seu significado filosófico científico. Segundo ele, essa teria sido uma consequência natural dos sistemas propostos, pois “sem um estudo mais profundo da natureza humana nem sua tarefa nem os caminhos para sua realização puderam ser esclarecidos” (2019, p. 208). De qualquer modo, ressaltou ainda Brentano, que seria preciso reconhecer que “se a escola perdeu profundidade, ela ganhou amplitude”

¹ Merece destaque o fato de que a tese de Brentano, em que pese sua influência comtiana, se mostra frontalmente contrária à *lei dos três estágios*. Certamente influenciada pelos trabalhos de Lavoisier, a posição de Brentano na seguinte citação é enfática sobre esse ponto. “Pode parecer surpreendente que muitas pessoas hoje - e Comte também tem incentivado este preconceito - sejam da opinião de que a humanidade a princípio procedeu de maneira bastante contrária aos fatos e à natureza, e só muito tarde caiu numa forma mais apropriada de pesquisa. Mas a infância da humanidade foi semelhante à infância de cada indivíduo” (BRENTANO, 2019, p. 206). Cf. Brentano (1896; 2022) e Brito (2015).

(2019, p. 208), mas aqui a amplitude filosófica seria uma característica da decadência, pois ela aumentava na medida em que a profundidade filosófica diminuía.

3ª Fase: A especificidade da crise que instaurou a terceira fase estava na difusão e aceitação de que ao interesse teórico da filosofia não caberia a busca da verdade. Nesse sentido, Brentano exemplificou a difusão dessa a partir das três vertentes de ceticismo que floresceram no período da filosofia antiga: (1) a forma mais branda foi a da Nova Academia de Carnéades, a qual limitava o conhecimento à probabilidade e não reconhecia nenhum objetivo em relação ao qual fosse alcançável aquele tipo de certeza que exclui definitivamente a possibilidade de erro; (2) a forma mais estrita foi o renomado pírronismo; (3) havia ainda um ecletismo, que podia ser considerado uma forma de ceticismo, o qual se instaurou cada vez mais nas escolas filosóficas no período posterior ao Epicurismo e ao Estoicismo. Segundo Brentano (2019, p. 209), tais ecléticos, como Cícero que se considerava vinculado aos cétricos da Nova Academia, viviam o dilema de aceitar e rejeitar o que lhes apetecia nas várias escolas, mas sucumbiam filosoficamente por não chegar a nenhuma posição definitiva.

4ª Fase: A crise que instaurou a quarta fase se caracterizava como a reação mais violenta possível, pois o interesse filosófico puro e orientado para a regularidade da natureza do seu objeto foi substituído por concepções místicas. Brentano separou os filósofos pertencentes a essa fase em dois grupos: (a) os filósofos associados ao platonismo judaico e ao neopitagorismo, cujos trabalhos desencadearam a última crise do momento de declínio da filosofia antiga; (b) os filósofos neoplatônicos, os quais divulgavam o mundo das entidades inteligíveis. Ainda segundo Brentano, "Amônio Sacas, Plotino, Porfírio, Proclo e muitos líderes de suas respectivas escolas não foram apenas celebrados, mas também temidos como deuses. No lugar do ausente conhecimento das leis das ciências naturais, Proclo e outros empregavam a legalidade artificial de um sistema triádico" (2019, p. 209).

Essa é, portanto, a sumarização do modo utilizado por Brentano para estabelecer aquela que ele denominou *lei das quatro fases em relação à história da filosofia antiga* (2019, p. 209). Vejamos como ele propõe a modelagem dos outros dois períodos históricos.

3.2 Filosofia medieval

1ª Fase: "O mesmo drama se desenrola neste período"! Esta é a frase com que Brentano iniciou a exposição dos movimentos filosóficos que constituíram a fase de ascendência do período medieval. De fato, sua exposição foi bem simplificada, pois ele não apenas assumiu os critérios mencionados na fase de ascendência grega, mas assumiu, sobretudo, que o trabalho filosófico de Aristóteles permanecia sendo o modelo filosófico por excelência. Assim, foram quatro as características principais que permitiram definir o trabalho verdadeiramente filosófico medieval, bem como sua rota de Aristóteles até Tomas de Aquino: (i) os povos parcialmente germanizados do Ocidente mostraram muito cedo ter sido, como os árabes, afetados pelo impulso mais intenso para o conhecimento; (ii) muito cedo eles haviam estabelecido quem entre os antigos pensadores era o verdadeiro mestre do conhecimento; (iii) ainda que a ignorância da língua grega tornasse sua tarefa ainda mais difícil, os pensadores escolásticos concordaram em relativamente pouco tempo sobre uma compreensão comum e surpreendentemente correta das obras de Aristóteles; (iv) nem Alexandre de Afrodísia e nem Simplicio haviam compreendido Aristóteles tão perfeitamente, e ainda que em menor grau, como o fez Tomás de Aquino, o grande professor do século XIII. Segundo Brentano, "isto teria sido impossível sem uma certa simpatia de espírito, algo a que Tomas de Aquino se agarrou, não apenas em outros escritos, mas também e especialmente em seu *De regime principum*" (2019 p. 210).

2ª Fase: A especificidade da crise que instaurou a segunda fase no período medieval, ou seja, a primeira etapa da decadência, foi descrita por Brentano como um evidente enfraquecimento e a explícita distorção do puro interesse científico, pois o amor à verdade e à sabedoria havia se degenerado em pura opinião e disputas verbais. Para Brentano, Duns Scotus foi o grande representante desse movimento de degeneração. Um exemplo retirado do seu trabalho filosófico estaria no fato de que, além dos dois tipos tradicionais de distinção, real e conceitual, Scotus inventou um terceiro tipo, o qual chamou de formal. “Este deveria ser ‘menor’ que o real, e ‘maior’ que a distinção conceitual, e como não fora dada uma definição clara, este terceiro tipo de distinção seria ainda mais facilmente capaz de servir como o assunto de brigas verbais vazias” (BRENTANO, 2019, p. 211). A obsessão com a disputa tornou-se cada vez mais absurda e acirrou a crise que levou à fase do ceticismo medieval.

3ª Fase: O nominalismo de Guilherme de Ockham foi o exemplo que ilustrou a especificidade da crise que instaurou a terceira fase no período medieval, ou seja, a segunda etapa da decadência. Brentano ressaltou que Ockham não apenas rejeitou a realidade dos universais, mas também sustentou que todas as nossas ideias são apenas sinais e não têm semelhança com seus objetos. Além disso, o ceticismo nominalista estaria explícito nas tentativas de escapar ao controle da igreja. Para exemplificar o modo como o nominalismo havia destruído a própria essência da verdade, afirmando propostas que pudessem ser verdadeiras e falsas ao mesmo tempo, Brentano ressaltou que “eles argumentavam que os ensinamentos da Igreja eram teologicamente verdadeiros; mas, por outro lado, consideraram necessário ressaltar que, filosoficamente, os mesmos ensinamentos eram tão decididamente falsos” (2019, p. 211).

4ª Fase: Assim como no período antigo, a crise que instaurou a quarta fase da idade média se caracterizou como uma forte reação ao ceticismo, mas ainda mais degenerada, pois o interesse filosófico puro e orientado para a regularidade da natureza do seu objeto foi substituído por concepções místicas. Brentano também separou os movimentos filosóficos pertencentes a essa fase em dois grupos: (a) as tendências filosóficas dos grandes pensadores místicos (Meister Eckhardt, John Tauler, Henry Suso, John Ruysbroek, chanceler Gerson); e (b) as especulações filosóficas dos seguidores de Raymundus Lullus e de Nicholas de Cusa, pois “elas buscavam, através de um método novo e antinatural, nunca antes ouvido, elevar-se em um vôo ascendente para os picos mais altos da verdade” (BRENTANO, 2019, p. 212). Nesse sentido, portanto, também a busca por meio de métodos antinaturais teria levado ao misticismo.

3.3 Filosofia moderna

1ª Fase: A fase de ascensão que iniciou o período moderno teve como expoentes Francis Bacon e René Descartes. Embora não se tratasse mais de uma retomada dos trabalhos de Aristóteles, como ocorrera no período medieval, Brentano foi enfático em pontuar os critérios que a filosofia moderna, a partir de Bacon e Descartes, compartilhavam com a filosofia do estagirita: (a) o poderoso e puro desejo de conhecer; (b) a velha reivindicação de um método natural retornou de forma óbvia; (c) a experiência foi celebrada como o grande mestre do conhecimento; (d) o modo indutivo de investigação permaneceu desde então firmemente ligado ao nome de Bacon; (e) Da mesma forma, Descartes também se voltou para a observação dos fatos. A fase de ascendência se consolidou, portanto, uma vez que “os seguidores de Bacon e Descartes permaneceram fiéis ao método da experiência. Com a ajuda deste método, Locke alcançou resultados genuínos que têm sido considerados como válidos desde então. Leibniz também chegou a uma variedade de insights psicológicos importantes” (BRENTANO, 2019, 214).

2ª Fase: A especificidade da crise que iniciou o declínio da filosofia moderna, e instaurou a segunda fase de sua filosofia, também estava na mudança do interesse teórico para o prático, tal como na antiguidade. Por isso mesmo, Brentano ressaltou que “o cenário foi, em muitos aspectos, semelhante ao início do período de decadência na Grécia” (2019, p. 214): (a) a religião popular não tinha mais o mesmo impacto sobre as pessoas que tinha tido anteriormente; (b) tudo o que era tradicional começou a vacilar na política; (c) a Filosofia, mais uma vez, foi chamada a prestar sua assistência, de modo que o puro interesse teórico foi substituído por um prático; (d) a filosofia tornou-se superficial e, apesar do crescente número de pessoas interessadas em filosofia, seu significado científico começou a diminuir. Ainda segundo a análise de Brentano, tanto o Iluminismo francês quanto o Iluminismo alemão seriam provas dessa decadência, uma vez que o primeiro poderia ser caracterizado como uma espécie de simplificação da filosofia de Locke, o segundo como uma simplificação do pensamento de Leibniz. Brentano enfatizou ainda que o próprio Hume havia chamado a atenção para o fato de que, “a partir de um certo momento, ninguém leu os escritos de Locke, e a opinião pública foi moldada por escritores filosóficos superficiais” (BRENTANO, 2019, p. 215).

3ª Fase: David Hume foi representante da crise que instaurou a segunda etapa de decadência e, portanto, a terceira fase da filosofia moderna. Brentano reconheceu que a força e a inserção do pensamento de Hume dispensavam maiores detalhes acerca de seus pontos de vista. No entanto, não deixou de mencionar que “o aguilhão de seu ceticismo causou dor não apenas na Inglaterra, mas também na Alemanha que, nesse meio tempo, se tornou, ao lado da Inglaterra, a terra mais fértil para o cultivo de ideias filosóficas. Como Kant disse, foi Hume quem o despertou do seu sono dogmático” (BRENTANO, 2019, p. 215). Esta menção não foi mera contestação da análise de Brentano. Pelo contrário, seu propósito estava em mostrar que a próxima fase, que com Kant almejava sair do dogmatismo, caíra também no misticismo.

4ª Fase: A crise que instaurou a terceira etapa de declínio e, portanto, a quarta fase da filosofia moderna, estava diretamente vinculada à poderosa resposta levantada contra o ceticismo de Hume. Mas, segundo Brentano em uma extensa análise impossível de ser aqui apresentada, ela não passou de uma reação que procurou resgatar e avançar o conhecimento por meios inauditos e antinaturais. A impossibilidade de demonstração dos princípios tomados como evidentes, decorrente do distanciamento cada vez maior dos métodos orientados para a natureza do seu objeto, fez germinar o misticismo nos sistemas especulativo e o fez florescer nas suas reformulações idealistas. Brentano distinguiu essa trajetória de influência decadente a partir de Reid, na Inglaterra, e Kant, na Alemanha. Segundo Brentano, embora esses dois filósofos tivessem em comum a responsabilidade pela introdução do “*a priori cego*” na filosofia, o qual prescindiria da demonstração de sua evidencia, teria sido Kant o mais influente, pois a força de seu misticismo alcançara Fichte, Schelling, Hegel, bem como todos os subsequentes participantes do movimento *Zürück zu Kant*.² O que teria faltado a Kant, segundo Brentano, não fora abandonar sua tese de que a “*Ding an sich* é incognoscível e que o conhecimento sintético a priori é inaplicável às questões transcendentais” (2019, p. 220), pois a cerca desse ponto seria preciso reconhecer que o conhecimento humano tem certos limites. No entanto, teria faltado a Kant perceber que “esta ideia já havia sido ensinada pela velha escola empírica, que também fez

² A análise que Brentano oferece acerca do trabalho desses dois filósofos antecipa a discussão que ele apresentou anos mais tarde na obra publicada após sua morte, *Versuch über die Erkenntnis* (“Investigações sobre o conhecimento”) (1970). O subtítulo apontava diretamente o espírito da obra, “Abaixo os preconceitos: aviso dirigido ao presente para que se livre de todo a priori cego, conforme o espírito de Bacon e Descartes”, a qual criticava não apenas Kant e Reid, mas sobretudo sua influência destes no movimento *Zürück zu Kant*. Cf. Brentano (1970).

uma série de descobertas detalhadas sobre ela, com base em considerações psicológicas” (BRENTANO, 2019, p. 220).

Considerações finais

Tal como propusemos no início desse trabalho, entendemos que nossa argumentação permitiu a sustentação de duas teses interpretativas:

- a. Ao assumir que a primeira fase estava caracterizada como o movimento filosófico por excelência, em função do seu tipo de aspiração filosófica e da sua orientação metodológica, Brentano definiu cada uma das outras três fases em função do modo como elas careciam dessas características fundamentais da filosofia constituintes da primeira fase.

Essa tese (a) apresenta sua plausibilidade, a partir da nossa exposição, nos três modos específicos de classificação das crises, as quais caracterizaram o movimento de declínio da filosofia, bem como o seu agravamento.

- b. *A teoria brentaniana das 4 fases da filosofia fundamenta-se, efetivamente, nos pressupostos histórico-filosóficos vigentes na sua própria concepção de filosofia, tal como fora anunciada na defesa da sua 4ª Tese de Habilitação e desenvolvida na sua teorização da sua psicologia descritiva, desde a publicação da sua obra magna Psicologia desde um ponto de vista empírico (1874).*

Essa tese (b) apresenta sua plausibilidade, a partir da nossa exposição, pelo fato de que os pressupostos históricos filosóficos brentanianos da sua 4ª tese de Habilitação – “O verdadeiro método da filosofia não é outro senão aquele das ciências naturais” (2017, p. 161), são os critérios fundamentais da filosofia ascendente encontrados nos métodos de Aristóteles, Tomas de Aquino, Bacon e Descartes. Em outras palavras, tratava-se, para Brentano, de reconhecer em tais métodos filosóficos³ o seu poder de sustentar aquele tipo de percepção capaz de garantir evidência ao conhecimento, pois esse seria o modo de evitar que a filosofia (i) substituísse seu interesse teórico pelo interesse prático, (ii) se entregasse ao ceticismo, ou ainda, (iii) sucumbisse ao misticismo. É certo que há, aqui pressuposta, uma relação direta entre a *psicologia descritiva* de Brentano e o conceito central daquilo que Brentano afirma ser o ponto arquimediano, não apenas de Aristóteles, mas também de Descartes, a saber, o conceito de *relação intencional*.

Certamente uma compreensão completa da *teoria brentaniana das 4 fases* exige uma análise conceitual, a qual vá além da indicação das relações históricas, e exponha o lugar de Aristóteles e Descartes no próprio método brentaniano de investigação. Mas tal tarefa foge ao escopo desse trabalho e poderá ser desenvolvida em outra oportunidade.

Referências

BRENTANO, F. *As teses de habilitação*. Tradução de Evandro O. Brito, Ernesto M. Giusti, Camila B. Moreira. *Revista Guairacá de Filosofia*, Guarapuava, v. 33, n. 2, p. 160-168, 2017.

³ Cf. Porta (2018) para um estudo rigoroso sobre o problema e a história do método.

BRENTANO, F. *Auguste Comte und die positive Philosophie*. Erster Artikel. In: CHILIANEUM: Blätter für katholische Wissenschaft, Kunst und Leben. Neue Folge, II, 1869.

BRENTANO, F. Comte e a filosofia positiva. Tradução de Flavio Cuvello. Primeiro Artigo. *Rev. Filos., Aurora*, Curitiba, (No Prelo), 2022.

BRENTANO, F. *Die vier Phasen der Philosophie und ihr augenblicklicher Stand*. In: A. Chrudzimski & T. Binder (Ed.). Abteilung IV/Band 9 Vermischte Schriften. Berlin; Boston: De Gruyter, 2019. p. 199-226.

BRENTANO, F. *Psicología desde el punto de vista empírico*. Tradução de Sergio Sánchez-Migallón. Salamanca: Ediciones Sígme, 2020.

BRENTANO, F. The Four Phases of Philosophy and its Current State. In: *The Four Phases of Philosophy*. Trad. Barry Smith and Balázs M. Mezei. Amsterdam/Atlanta: Rodopi. 1998.

BRENTANO, F. *Versuch über die Erkenntnis*. Felix Meiner Verlag GmbH, Hamburg, 1970.

BRITO, E. O. Franz Brentano e a psicologia empírica: um projeto de filosofia científica com Comte, contra Comte. *Revista Guairacá de Filosofia*, Guarapuava, v. 31, n. 1, p. 40-54, 2015.

MEZEI, B. M.; SMITH, B. *The Four Phases of Philosophy*. Amsterdam/Atlanta: Rodopi, 1998. p. 81-112.

PORTA, M. A. Brentano y el método psicológico. *Síntese Revista de filosofia*, v. 45, 2018.

TWARDOWSKI, K. Franz Brentano and the History of Philosophy. In: *On Actions, Products and Other Topics in Philosophy*. Amsterdam: Rodopi, 1999. p. 243-253.

Sobre o autor

Evandro Oliveira de Brito

Professor Adjunto do Departamento de Filosofia (DEFIL) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Doutor e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Bacharel e Licenciado em Filosofia e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina. Como pesquisador, investiga o desenvolvimento da ética nas obras de Franz Brentano, coordena o grupo de pesquisa Ética Política e Cidadania (UNICENTRO) e está vinculado aos grupos de pesquisa Origens da filosofia contemporânea (PUC-SP), Filosofia, arte e educação (UFSC) e Estudos do Idealismo (UNESP). Atua como docente nos cursos de graduação em Filosofia e Pedagogia indígena e no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UNICENTRO.

Recebido em: 31/07/2022
Received in: 31/07/2022

Aprovado em: 08/10/2022
Approved in: 08/10/2022